

# ENCONTROS COM PIERRE BOURDIEU: ENTREVISTA COM FRÉDÉRIC LEBARON

*ENCUENTROS CON PIERRE BOURDIEU:  
ENTREVISTA CON FRÉDÉRIC LEBARON*

*ENCOUNTERS WITH PIERRE BOURDIEU:  
INTERVIEW WITH FRÉDÉRIC LEBARON*

*Paulo José de Carvalho MOURA\**

*Mateus Tobias VIEIRA\*\**

## **Contexto da entrevista**

Essa entrevista foi realizada no dia 23 de março de 2023, presencialmente, em Araraquara/SP, por Paulo de Carvalho Moura e Mateus Tobias Vieira, durante sua passagem pela Faculdade de Ciências Letras – UNESP, onde conferiu a aula magna de abertura do ano letivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e ministrou de um curso voltado para questões metodológicas.

## **Apresentação do entrevistado**

Frédéric Lebaron é uma das figuras mais influentes da sociologia francesa contemporânea, com uma trajetória marcada pela interseção entre sociologia econômica, análise das elites e metodologia quantitativa. Professor na École Normale

---

\* Doutorando em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Pesquisador visitante na École Normale Supérieure Paris-Saclay. Pesquisador bolsista Fapesp (Processo n. 2022/03520-4). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6558-8779>. Contato: paulo.moura@unesp.br.

\*\* Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Emoções, Sociedade, Poder, Organização e Mercado (NESPOM). Pesquisador bolsista Fapesp (Processo nº. 2021/05451-7). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6558-8779>. Contato: mateus.tobias@unesp.br.

Supérieure Paris-Saclay, onde também já dirigiu o Departamento de Ciências Sociais, ele desempenha um papel central na difusão e no desenvolvimento da tradição bourdieusiana. Ex-presidente da Associação Francesa de Sociologia (AFS), Lebaron consolidou seu nome no campo ao articular métodos quantitativos avançados com a teoria dos campos sociais, especialmente no estudo das elites econômicas e políticas.

A formação de Lebaron reflete sua inclinação transdisciplinar: formado em economia e sociologia, ele ingressou no grupo de pesquisa de Pierre Bourdieu ainda durante seu doutorado nos anos 1990, tendo participado ativamente das investigações empíricas conduzidas no Collège de France. Sua colaboração com Bourdieu incluiu contribuições para a *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* e para a coleção *Raisons d'Agir*, além de um engajamento na crítica ao neoliberalismo e às reformas econômicas da época. Atualmente, seu trabalho se concentra na sociologia política e econômica, analisando as dinâmicas de poder e a construção das políticas econômicas na Europa.

Em entrevista realizada em Araraquara, durante um curso sobre aspectos metodológicos na pesquisa do espaço social, Lebaron revisitou sua trajetória intelectual e discutiu o impacto da obra bourdieusiana na compreensão das transformações econômicas e sociais contemporâneas. Sua abordagem crítica e rigorosa continua a influenciar pesquisadores ao redor do mundo, reafirmando a relevância de uma sociologia ancorada na análise relacional dos fenômenos sociais.

\*\*\*

**Paulo Moura:** Gostaríamos de começar esta entrevista pedindo que você nos fale sobre a sua história familiar. Seus leitores brasileiros estão curiosos para saber um pouco mais sobre suas origens sociais.

**Frédéric Lebaron:** Sou originário de uma região chamada Limousin, no centro-oeste da França, a oeste de uma montanha muito antiga chamada Massif Central. É uma pequena região que originalmente era uma região administrativa autônoma, mas agora faz parte de uma região administrativa maior chamada Nouvelle-Aquitaine. Limousin fica no Nordeste dessa região maior, e eu venho de uma cidade chamada Saint-Yrieix-la-Perche, onde nasci. É uma cidade pequena, com cerca de 7.000 habitantes, localizada não muito longe de três cidades um pouco maiores e mais conhecidas: Limoges, que já foi famosa por seu time de basquete e sua porcelana — cheguei a ver porcelana de Limoges no Brasil, em uma fazenda aristocrática —, Brive-la-Gaillarde, mais conhecida por seu time de rúgbi, e Périgueux, localizada na região do Périgord, bastante famosa por sua cultura gastronômica.

Limousin é uma região bastante rural com alguns centros urbanos e possui uma história social e política específica. Foi descristianizada muito cedo, no século XIX, e o movimento socialista também se enraizou lá muito cedo, tornando-a uma das regiões mais politicamente de esquerda da França. Os residentes de lá permaneceram por muito tempo mais à esquerda do que no resto do país, por uma série de razões que eu poderia detalhar melhor.

Minha família é tipicamente composta de universitários em ciências sociais: meu pai, agora aposentado, era professor em uma escola secundária estadual, onde lecionava francês e história-geografia. Minha mãe, também aposentada, era professora do ensino fundamental. Portanto, estamos falando de uma família de professores.

**Mateus Tobias:** Poderia contar um pouco mais sobre a trajetória educacional e profissional de seus pais?

**Frédéric Lebaron:** Minha mãe tinha um diploma em ciências experimentais, portanto, era mais científica, enquanto meu pai era mais literário. Minha mãe veio de um ambiente de classe trabalhadora e se tornou professora ainda muito jovem. Seu pai era ferroviário e sua mãe, embora não tivesse um emprego oficial, desempenhava um papel informal como parteira, ajudando nos partos em seu vilarejo em Corrèze, perto de onde eu nasci.

Por parte de meu pai, meus avós eram professores, primeiro na zona rural e depois em minha cidade natal, a partir da década de 1950.

Meus irmãos e eu seguimos essa tradição familiar e nos tornamos igualmente professores ou funcionários públicos.

**Mateus Tobias:** Para que possamos nos situar no tempo, quando você nasceu?

**Frédéric Lebaron:** Nasci em 1969, o que significa que eu tinha 20 anos em 1989, o ano em que o Muro de Berlim caiu, marcando o fim do mundo soviético. Para minha geração, esse é um elemento biográfico crucial. Foi, é claro, um ponto de virada ideológico, o fim de uma era, o período pós-guerra, durante o qual a União Soviética estendeu seu domínio político sobre os países da Europa Oriental. Eu cresci intelectualmente nesse contexto do fim da Guerra Fria, com as tentativas de Gorbachev<sup>1</sup> de reformar o modelo soviético, que acabou fracassando. Naquela época, a ascensão da China não despertava o mesmo interesse que desperta hoje. Embora eu também estivesse interessado na China, pois havia a Primavera de Pequim e outros movimentos sociais, mas na época ela era largamente vista como um país periférico.

---

<sup>1</sup> Último líder da União Soviética (URSS), Mikhaïl Gorbachev promoveu um conjunto de profundas reformas econômicas (Perestroika) e políticas (Glasnost).

**Paulo Moura:** Durante seus anos de formação, você estudou Economia e Ciências sociais. O que o motivou a se engajar na sociologia?

**Frédéric Lebaron:** Para responder a essa pergunta, preciso contar um pouco sobre minha trajetória escolar. Passei no bacharelado em minha cidade natal, onde morei até os 18 anos. Depois do baccalauréat, no qual obtive resultados muito bons, fui para Bordeaux para fazer um curso preparatório para as grandes Écoles. Meu pai também havia feito um ano de curso preparatório antes de se tornar professor do ensino médio. Escolhi um curso preparatório bastante particular, que na época se chamava “Lettres Supérieures S”, hoje chamado “BL - Lettres et sciences sociales”. Era um curso literário, mas também incluía matemática e ciências econômicas e sociais. Esse itinerário tinha acabado de ser criado e parecia um pouco estranho, porque era uma classe preparatória literária baseada no modelo antigo, mas também ensinava matemática, economia, sociologia, etc.

Já no liceu, em um itinerário matemática-física (“C”), eu me sentia, ao mesmo tempo, muito atraído pelas ciências sociais, mas era sobretudo a filosofia que me fascinava. Ou melhor, era uma mistura das duas: na verdade, quando reflito sobre minhas leituras da época, percebo que era sobretudo a filosofia em relação às ciências sociais, em especial o marxismo e a história social, que era extremamente importante para mim. Não se tratava principalmente de filosofia metafísica, pura, mas acima de tudo de uma abordagem materialista, muito enraizada nas ciências sociais.

Voltarei a esse assunto, mas entre os autores que me marcaram, um deles foi Jean-Paul Sartre, a partir do segundo ano do Liceu. Em meu último ano, também li muito Henri Lefebvre, um sociólogo de origem marxista. Naquela época, eu já estava interessado na sociologia da educação. Curiosamente — costume dizer isso, e é sempre uma surpresa — no meu último ano, tive um professor de filosofia, Pierre Petit, que um dia me disse: “Ah, veja, você deveria ler essa revista!”. Era a *Actes de la recherche en sciences sociales*, a revista fundada e dirigida por Bourdieu. Um dos meus colegas até disse um dia — não sei se você conhece a história em quadrinhos francesa “Obélix et Astérix”, que é muito famosa no mundo francófono — que era como Obélix: eu caí na poção mágica muito cedo. Descobri Bourdieu antes dos 18 anos; aos 17, eu já estava lendo seus textos, mas é claro que não entendia tudo.

Na época, eu era mais atípico, mas penso que isso ocorre com mais frequência hoje em dia: Bourdieu é realmente um autor que pode ser descoberto muito cedo. Eu também o conheci “politicamente”, porque ele deu uma entrevista bastante interessante na época em que havia um movimento social contra uma reforma universitária, em dezembro de 1986. Eu mesmo estava envolvido no movimento e gostei muito do texto que Bourdieu havia publicado no jornal *Libération*<sup>2</sup>. Assim, eu descobri

---

<sup>2</sup> Entrevista com Antoine de Gaudemar publicada sob o título “A quand un lycée Bernard Tapie?” no *Libération*, 4 de dezembro de 1986. Reimpresso em *Interventions 1961-2001*, Pierre Bourdieu, éditions Agone, p.211.

esse autor que eu não sabia o que ele representava realmente — ele era para mim um filósofo, um sociólogo, não sabia muito bem — mas considerei seus escritos pertinentes. Ele tinha uma boa análise das reformas educacionais e estava bastante próximo do espírito do movimento de 1986, que foi uma grande mobilização de estudantes dos liceus e universitários contra uma reforma realizada pela direita na época, que já tinha como objetivo reforçar os mecanismos de seleção no ingresso ao ensino superior em detrimento das classes populares.

Foi o início da minha carreira. Eu me sentia mais atraído pela filosofia, mas também lia muito sobre ciências sociais, sendo Bourdieu um dos primeiros, entre outros. Quando tive que fazer escolhas, eu a fiz rapidamente, aos 19 anos. 20 anos, na classe preparatória “BL”. Muito cedo, porque você é realmente confrontado com um modelo educacional específico, que Bourdieu descreve em *La Noblesse d’État*. Nesse contexto, você trabalha muito, lê muito e tem um exame competitivo no horizonte, o que gera muita pressão.

Em um determinado momento, senti que era muito mais um sociólogo, antropólogo e até mesmo economista, porque me interessei por economia muito cedo, do que um filósofo. Na verdade, eu já havia mudado para a sociologia, principalmente por meio dos escritos de Bourdieu. Claramente, em meu segundo ano, entre os 19 e 20 anos, eu li *La Distinction*, *La Noblesse d’État* e outras obras importantes de Bourdieu. *La Noblesse d’État* foi particularmente importante para mim, porque me ajudou a entender o que eu estava vivenciando como estudante: o sistema de reprodução das elites, a classe preparatória, a oposição sutil e evolutiva entre as grandes Écoles, como a École normale supérieure, a École polytechnique, as escolas de negócios e a École nationale d’administration. Tudo isso me ajudou a ter uma melhor compreensão do mundo em que eu vivia.

Depois de passar no concurso de admissão, entrei na École Normale Supérieure de Cachan, onde hoje sou professor. Na ENS Cachan, na minha “seção”, como era chamada na época, era obrigatório fazer sociologia e economia, sem a possibilidade de ir para a filosofia. Não me arrependi nem um pouco, porque eu adorava a economia. Na verdade, era mais ou menos o que eu queria fazer, mas com uma abordagem sociológica. Para mim, foi essencial entender que não é possível abordar uma coisa sem a outra. Eu não poderia fazer economia pura, microeconomia ou teoria dos jogos, por exemplo, e fingir que as suposições fundamentais estavam corretas e sem levar em conta os dados sócio-históricos do mundo econômico real. Eu poderia ter me dedicado à economia heterodoxa ou institucionalista, especialmente porque tinha uma certa formação marxista, mas eu era sem dúvida muito sociólogo e muito bourdieusiano para “simplesmente” me tornar um economista.

Então, eu escolhi sociologia, enquanto fazia o equivalente a um primeiro ano de mestrado em economia (chamado de “maîtrise”), em Nanterre, onde eu estava seguindo um curso universitário. Assim, fiz os dois cursos, o que me permitiu

ter uma base bastante sólida. Não foi um mestrado, nem uma tese, mas estudei microeconomia e macroeconomia, mesmo que meus resultados em microeconomia não tenham sido tão bons, devido à falta de gosto e de adesão à abordagem. De certa maneira, o destino me foi favorável: o fato de eu não ter entrado na École Normale Supérieure da Rue d'Ulm, que é a mais prestigiada, fez com que eu não pudesse me dedicar apenas à filosofia — embora eu provavelmente tivesse gostado de fazer um pouco mais disso na época — e pudesse mergulhar totalmente na economia e nas ciências sociais.

**Mateus Tobias:** Quais foram suas principais influências teóricas? Quais autores marcaram sua formação como sociólogo, incluindo aqueles com os quais você discordava?

**Frédéric Lebaron:** Uma anedota engraçada é que, quando eu tinha 15 anos, meu pai me deu *O Capital*, de Karl Marx, como presente de aniversário. Obviamente, gostei muito dessa leitura, que foi importante para mim. Portanto, eu estava imerso no marxismo, mas não no marxismo ortodoxo. Meu pai não pertencia ao Partido Comunista, mas ao Partido Socialista, e ele tinha uma relação livre com o marxismo e as doutrinas socialistas em geral. Quanto a mim, sempre adotei uma abordagem independente. Eu li muito e me interessei muito pela história do movimento dos trabalhadores, pela história do socialismo, pela história do comunismo, etc., mas sempre de forma autônoma. É por isso que eu realmente gostava de Jean-Paul Sartre e Henri Lefebvre, que em vários momentos se distanciaram do Partido Comunista sem nunca negar seu compromisso com o lado dos dominados, os condenados da terra. Eu nunca fui realmente muito militante. No liceu, eu participava do movimento social sem pertencer a nenhuma organização. Depois, como estudante do preparatório, não tinha tempo para me envolver, mas era simpatizante. Eu votava principalmente na esquerda “radical”, não na extrema esquerda trotskista: eu me identificava mais com o que já era conhecido na época como a esquerda alternativa e ecologista.

Portanto, esse é outro elemento de minha socialização política. Meu pai atuou no sindicalismo docente; ele foi membro do Partido Socialista por muito tempo e era bastante à esquerda dentro desse partido. Portanto, eu estava mais à esquerda, e havia a crise do comunismo: vindo desse tipo de formação, não era possível aderir ao modelo soviético, que estava em crise, e, além disso, embora eu estivesse interessado em suas posições, nunca me senti suficientemente próximo de nenhuma organização de extrema esquerda ou anarquista<sup>3</sup>. Mas havia Gorbachev e todo um contexto de

---

<sup>3</sup> Na França, os três componentes do “esquerdismo” depois de maio de 68 foram o trotskismo, ele próprio muito dividido, o maoísmo, cuja influência no campo intelectual foi muito breve, mas muito

renovação em minha região, com dissidentes do Partido Comunista, o que trouxe uma certa renovação para a esquerda. A ecologia política também fazia parte do cenário, e eu estava evoluindo nesse ambiente político dinâmico.

Fui politizado muito cedo, mas de uma forma bastante intelectual. Portanto, não fui politizado pelas organizações; sempre estive bastante distante delas. Por outro lado, eu tinha um profundo conhecimento da história dessas organizações e de suas doutrinas, o que me permitia discutir com os militantes, entendendo o que eles diziam e sendo capaz de respondê-los, por exemplo, sobre a história da União Soviética, um assunto que sempre me fascinou<sup>4</sup>.

Isso me leva à minha relação com o marxismo. Para mim, Bourdieu realmente representou uma libertação, porque ele propõe uma sociologia que conserva grande parte da contribuição do marxismo, mas dentro de uma perspectiva científica, com uma ambição semelhante à de Durkheim: a de uma ciência total do social, sem reducionismo ou dogmatismo. Eu também estava interessado em sociologia econômica desde o início. Eu me interessei por economia, antropologia econômica e história econômica. Eu lia economia heterodoxa, especialmente, é claro, a escola de regulamentação... Conheci autores como Robert Boyer e Michel Aglietta muito cedo. Também li Alain Lipietz, que conheci pessoalmente mais tarde, quando ele se tornou um líder ecologista e candidato em meu distrito eleitoral. Lipietz escreveu muito sobre o Brasil. Esses autores me interessavam, e eu tinha uma cultura de ciências sociais bastante diversificada, com a sociologia de Bourdieu em seu centro.

**Paulo Moura:** Gostaríamos que você nos contasse sobre o contexto de sua chegada ao grupo coordenado por Pierre Bourdieu. Como era seu relacionamento com ele em um nível mais pessoal e cotidiano?

**Frédéric Lebaron:** Conheci Bourdieu pessoalmente pela primeira vez em 1993, aos 24 anos de idade. Eu já estava fazendo doutorado, tendo enveredado por esse caminho depois de ser aprovado no *agrégation du secondaire*, um concurso que me permitiu lecionar no liceu. Consegui um financiamento para fazer uma tese e optei pelo doutorado. Fiz minha tese no centro de Bourdieu, que na época se chamava *Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture* (Centro de Sociologia da Educação e da Cultura) - CSEC<sup>5</sup>. Meu orientador de tese foi Rémi Lenoir. Eu estava em contato com Monique de Saint-Martin e rapidamente conheci quase todos os membros do centro. No entanto, Bourdieu estava no *Collège de France*: não o víamos muito, ele

---

forte e, finalmente, o anarquismo, que permaneceu como um componente do radicalismo da juventude escolarizada. Originalmente, a ecologia política estava ligada principalmente a essa terceira corrente.

<sup>4</sup> Enquanto releio essa entrevista, estou preparando a defesa do HDR de Olessia Kirtchik sobre economistas e o fim da URSS, da qual sou supervisor na Universidade de Paris-Saclay.

<sup>5</sup> De fato, o CSEC, dirigido por Monique de Saint-Martin e Jean-Claude Combessie, e o CSE no *Collège de France* coexistiam: os dois se fundiram no final da década de 1990.

não vinha à EHESS com frequência e o centro de pesquisa no Collège se chamava Centre for European Sociology (Centro de Sociologia Europeia), mas era ligado ao CSEC. Meu orientador de tese, que era bastante próximo de Bourdieu, sugeriu logo no início — acho que eu estava no segundo ou terceiro ano da minha tese — que ele lesse um artigo que eu havia escrito: “Vamos fazer com que ele leia seu artigo e ver como ele reage”.

Bourdieu me recebeu algum tempo depois no Collège de France. Creio que a anedota é que eu bati em sua porta primeiro. Na verdade, era preciso ir primeiro falar com o assistente, um pouco como ir ao médico. Tudo correu muito bem. Bourdieu era encantador e muito animado. Ele já havia lido meu trabalho e reagido a ele. Em certo sentido, o capital simbólico de Bourdieu foi o que mais nos impulsionou. Sabíamos que ele era o maior sociólogo vivo. Ele é um dos maiores sociólogos da história. Portanto, foi excepcional conhecer Bourdieu, é preciso dizer. Então, tudo correu bem. Enfim, ele foi bastante positivo, bastante encorajador, e no final o artigo foi publicado, mas muito tempo depois. Pensando bem, levou mais de três anos para ser publicado. Esse artigo foi realmente uma primeira tentativa. Eu o reformulei bastante, seguindo os conselhos de Bourdieu e dos leitores. Jérôme, seu filho mais velho, deve tê-lo relido. Recebi algumas anotações bastante detalhadas de um parecerista. Então, essa foi a primeira vez, o que, obviamente, é sempre um pouco chocante.

Em seguida, houve outro movimento social, semelhante ao de 1986: o movimento de 1995 na França, que foi enorme. Primeiro houve manifestações estudantis, depois um grande movimento de greve ferroviária. Os trens pararam por um mês: o país estava parado por causa de uma reforma previdenciária e também de uma reforma do sistema de saúde, que era sobretudo uma reforma neoliberal com uma política de austeridade. Digo “sobretudo” porque, na época, as coisas eram um pouco complicadas: havia um sindicato de esquerda e centro-esquerda, a Confédération Fédérale Démocratique des Travailleurs (CFDT), que era a favor da reforma. Esse sindicato, que depois de 1968 estava bastante à esquerda, reorientou-se no final da década de 1970 para se tornar um sindicato reformista muito mais moderado. Em 1995, os intelectuais defenderam a reforma. Era um governo de direita e os intelectuais diziam: “Esta é a reforma que precisamos fazer, é uma boa reforma”. Havia historiadores, economistas, todos eram a favor da reforma, e Bourdieu fazia parte dos intelectuais que diziam o contrário: “Não, não devemos fazer essa reforma, é uma reforma neoliberal que destruirá os serviços públicos”. Naquele momento, Bourdieu passou a adotar posições críticas ao neoliberalismo, inclusive, escreveu e leu um texto muito famoso na Gare de Lyon durante o movimento social<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Em 12 de dezembro de 1995, Pierre Bourdieu se juntou a um auditório lotado do conselho de trabalhadores ferroviários em greve na Gare de Lyon. Em seu discurso, ele apoiou os grevistas e, à sua maneira, fez uma dura crítica ao Plano Juppé, promovido pelo então primeiro-ministro da França Alain

Eu estava lá, na Gare de Lyon, com um colega mais velho, Christian Baudelot, outro sociólogo francês muito conhecido, inclusive no Brasil, e que estava ao meu lado na época. Ouvíamos Bourdieu dizer: “Vamos, vamos, temos que ir, resistência, etc.”. É um movimento fundamental; até falamos sobre o apelo de Bourdieu, o apelo da petição, que foi assinado por intelectuais. Junto com outros alunos de doutorado, fizemos um trabalho empírico, uma pesquisa sobre petições intelectuais durante essa crise social. Dissemos a nós mesmos: “Bem, somos estudantes de doutorado, estamos fazendo pesquisa, o que podemos fazer? Podemos fazer uma pesquisa para descobrir o que está acontecendo”. Por que há duas convocações? Por que há um pedido de apoio de intelectuais que, em última análise, são a favor das reformas neoliberais, e por que Bourdieu surgiu como uma figura de resistência ao neoliberalismo em 1995? Então fizemos essa pesquisa, e Bourdieu ficou muito contente, evidentemente. Creio que ele considerava bom que os jovens de seu centro estivessem se engajando um pouco. Então, ele nos convidou para seu seminário. Iríamos apresentar nosso trabalho. Ele iria nos ouvir.

Pouco tempo depois, ele me convidou para trabalhar com ele. No início, como acho que já disse em uma entrevista, não havia absolutamente nenhum contrato. Foi uma troca simbólica. Quero dizer, não há nenhuma ideia: “Vou trabalhar com um contrato de trabalho, etc.”, é totalmente voluntário desde o início. É interessante, mas a remuneração simbólica era tanta que nem pensávamos nisso. Trabalhar com Bourdieu era extraordinário, tenho que dizer. Havia vários de nós: Franck Poupeau estava na mesma situação que eu e trabalhamos na equipe de

Depois, trabalhei na equipe dele no Collège de France. Dividíamos um escritório no meio do andar, na rue du Cardinal Lemoine, e obviamente vi muito mais Bourdieu depois, fazendo parte da equipe. A pessoa central do grupo era Rosine Christin, uma engenheira de pesquisa da Maison des Sciences de l’Homme (*MSH*), destacada para o Collège de France; ela atuava, de fato, como diretora ou secretária geral do centro de pesquisa. Era ela quem organizava tudo, coordenando as tarefas administrativas e técnicas. Seu escritório ficava à direita quando se entrava no corredor do andar dedicado ao grupo na rue du Cardinal Lemoine, em frente ao escritório de Bourdieu. Eu conversava principalmente com ela, pois Bourdieu raramente estava presente; na verdade, nós o víamos muito pouco. No entanto, Rosine estava lá todos os dias. Ela me dizia: “Isso é o que Bourdieu disse, é isso que temos de fazer, é

---

Juppé, líder do partido de direita Rassemblement pour la République (RPR) e nomeado pelo presidente Jacques Chirac. O plano visava a reforma da seguridade social e do sistema de aposentadorias (aumentando o período de contribuição de 37,5 para 40 anos), além de medidas que visavam reformular o status dos trabalhadores ferroviários (SNCF et RATP), com o fim dos “regimes especiais”. Na ocasião Bourdieu declarou era “a reconquista da democracia social contra a tecnocracia” que estava em causa naquele momento. Para ver o discurso na íntegra, acesse: <https://blogs.mediapart.fr/michelrotfus/blog/280218/12-decembre-1995-discours-de-pierre-bourdieu-aux-cheminots-grevistes-paris-0>. Acesso em 25/02/2024.

assim que temos de organizar as coisas”. Esse papel central de coordenação pode ser visto no documentário de Pierre Carles, *La sociologie est un sport de combat*. Há uma cena entre Rosine e Loïc Wacquant no escritório de Rosine. Para mim, essas são lembranças muito concretas. Trabalhei lá por seis anos. Creio que eu estava lá no dia seguinte ao que Pierre Carles filmou Rosine com Loïc Wacquant. Eu estava no trabalho, então fiquei sabendo. Meu relacionamento com Bourdieu consistia principalmente em ligações telefônicas. Ele estava em casa, trabalhando, na maior parte do tempo, em seu escritório. Eu nunca fui lá, então não sei como era a casa dele. Franck sabia, mas eu não. Ele nos ligava para avisar o que precisava ser feito e também entrava em contato com Rosine.

Em suma, ele organizou as coisas em torno de si mesmo, até certo ponto, e nós trabalhamos principalmente para as revistas. Colaboramos com a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e também com a *Liber*, uma revista que surgiu de um projeto descrito por um colega argentino, Gustavo Sorá, durante uma recente visita ao Brasil, e também por Christophe Charle. Era uma revista internacional de livros. Trabalhando um pouco para a *Liber*, participei de várias edições, saindo para procurar autores e eu ajudava um pouco. Não era um trabalho grande, mas líamos muito e fazíamos com que as pessoas lessem coisas. Por exemplo, lembro que a primeira leitura que tive de fazer foi de pequenas obras britânicas críticas ao neoliberalismo. Ele me dizia: “Faça-me um resumo”. Eu tinha muitas anotações de leitura, o que era ótimo, porque eu sabia que meus resumos seriam lidos por ele e ele reagiria.

Líamos os artigos e escrevíamos comentários manuscritos, muitas vezes datilografados, para a revista. Isso envolvia o *Liber* e também a *Actes de la recherche*, que era um verdadeiro trabalho editorial. Naquele momento, Bourdieu decidiu criar uma coleção de livros. Inicialmente, chamava-se *Liber*, depois *Liber-Raisons d’agir* e, finalmente, *Raisons d’agir*. A ideia era produzir pequenos livros que seriam amplamente distribuídos. O primeiro, *Sur la Télévision*, foi um grande sucesso, vendendo cerca de cem mil exemplares, eu acho. Era uma crítica bastante violenta, pois atacava diretamente a mídia, especialmente a mídia dominante. Ele realmente escolheu o alvo certo, o que causou um grande impacto.

Pouco tempo depois, ele publicou um livro de Serge Halimi, jornalista do *Le Monde Diplomatique*, que acabou de deixar o cargo de diretor em janeiro de 2023. Serge Halimi escreveu *Les Nouveaux Chiens de garde*, uma referência explícita a Paul Nizan e seu livro *Les Chiens de garde*, uma crítica marxista da filosofia acadêmica na década de 1930. Em *Les Nouveaux Chiens de garde*, Halimi critica os jornalistas de televisão, como Bernard-Henri Lévy, descrevendo em termos concretos suas práticas, que ele considera particularmente tendenciosas e egoístas, já que esses jornalistas estão intimamente ligados ao poder econômico, tornando-se assim marionetes cúmplices das forças econômicas. Bourdieu concordou em publicar o

livro, escrito por um jornalista intelectual — Halimi tinha uma tese, portanto não era apenas mais um jornalista, mas um intelectual crítico. O livro foi um enorme sucesso, vendendo cerca de 300.000 exemplares, até mais do que *Sur la télévision*. A coleção foi muito bem recebida, e um dos primeiros livros a ser publicado foi o nosso, sobre o “dezembro” dos intelectuais franceses, escrito em conjunto com meus colegas de doutorado. Portanto, Bourdieu foi corajoso e generoso, pois concordou em permitir que jovens doutorandos publicassem um livro em sua coleção, uma obra que, no fundo, não era muito polêmica. Na realidade, era uma série de investigações paralelas, um trabalho realizado em paralelo, em uma espécie de síntese do campo intelectual francês na época da crise. O livro também foi mal-recebido, porque ousamos objetivar a tendência reacionária dos intelectuais dominantes, o que foi uma atitude ousada para estudantes de doutorado.

Bourdieu estava hesitante quanto ao nome a ser usado. Ele disse: “Talvez você deva criar um nome falso, isso lhe poupará problemas”. Ele de fato inventou um, mas não me recordo mais. No final, ele decidiu não fazer isso e disse: “Vamos em frente, você não está dizendo nada ofensivo”. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para dizer que sempre me recusei a insultar as pessoas, seja por escrito ou oralmente. Digo as coisas da forma como as penso. Existem registros discursivos próprios do pesquisador, e o registro do insulto não faz parte das minhas práticas.

Este livro é analítico, mas não polêmico no sentido pessoal. Apresentamos os fatos, e muitas vezes é isso que choca as pessoas: dizemos quem disse o quê, como a fábrica de petições foi organizada e assim por diante. Isso às vezes foi mal-recebido, e o livro também não vendeu extraordinariamente bem — muito menos do que *Les nouveaux chiens de garde* -, mas foi amplamente distribuído. Portanto, esse foi o cerne do meu relacionamento com Bourdieu durante a primeira fase de seu trabalho na cadeira de sociologia no Collège de France.

Em 1998, um ano importante para mim, eu já havia terminado minha tese há algum tempo e agora era maître de conférences na Université de Picardie Jules Verne, em Amiens. Tornei-me presidente da Association Raison d’agir e o livro foi publicado, o que o tornou um ano decisivo. Eu me tornei mais visível, assim como os demais autores do livro. Era uma época em que uma jovem geração estava ganhando visibilidade no espaço bourdieusiano e até mesmo político-midiático, para usar a expressão de Patrick Champagne.

Foi também um período em que Bourdieu estava se questionando sobre a maneira de agir no movimento social. Não vou entrar em todos os detalhes, pois isso levaria muito tempo, mas isso ajudou a tornar Bourdieu ainda mais visível. Havia seu livro sobre a televisão, o livro de Halimi, além de outros sobre a universidade (ARESER), o papel dos *think tanks* (Keith Dixon), etc. Essa pequena coleção foi um grande sucesso, o que foi bastante surpreendente, mesmo que o fenômeno não tenha realmente durado, porque havia outras coleções e empreendimentos intelectuais concorrentes.

Houve um breve período em que Bourdieu foi realmente central para os debates públicos na França, e até mesmo na Europa, porque os alemães estavam muito interessados nele. No filme de Pierre Carles, vemos Franz Schultheis falando em um determinado momento sobre indicadores sociais; ele era muito próximo de Bourdieu na época e o acompanhava em suas visitas à Alemanha, Suíça e assim por diante. Por volta dessa época, ele editou uma versão alemã da revista *Liber* por algum tempo. Essa história também é franco-alemã: Bourdieu era, na época, um intelectual europeu, e não um intelectual global. Embora o lado intelectual global já existisse durante esse período, e até mesmo antes, o fato é que Bourdieu estava fortemente envolvido em questões e projetos europeus.

Bourdieu foi um mentor exigente, mas generoso. Trabalhar com ele foi uma experiência enriquecedora, tanto intelectualmente quanto em nível humano. Ele me ofereceu oportunidades únicas, como a publicação do meu primeiro livro em sua coleção, o que foi uma prova de sua confiança e de seu apoio.

**Paulo Moura:** Muito obrigado pela entrevista.

## REFERÊNCIAS

ARESER, Quelques diagnostics et remèdes urgents pour une université en péril, 1997. In: Revue d'histoire du XIXe siècle, Tome 14, 1997/1. Cinquante ans de recherches sur 1848. p. 237.

BOURDIEU, Pierre. Interventions, 1961-2001. Science sociale et action politique, Marseille, Agone, coll. « Contre-feux », 2022.

BOURDIEU, Pierre. La distinction. Critique sociale du jugement. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. La noblesse d'État: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Éditions de Minuit, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Sur la télévision suivi de L'emprise du journalisme, Paris : Liber Editions, 1996.

DIXON, Keith. Les évangélistes du marché : les intellectuels britanniques et le néo-libéralisme. Paris : Liber — Raisons d'agir, 1998.

DUVAL, Julien; GAUBERT, Christophe; LEBARON, Frédéric; MARCHETTI, Dominique; PAVIS, Fabienne, Le « Décembre » des intellectuels français, Paris, Raisons d'agir, 1998.

HALIMI, Serge. Les nouveaux chiens de garde. Paris, Liber, 1997, 104 p.

MARX, Karl. Le Capital, livre I, trad. J. Roy, Flammarion, Paris, 1999.

NIZAN, Paul, Les chiens de garde, Marseille, Agone, series: « Eléments », 2012.

**Submetido em:** 06/12/2024

**Aprovado em:** 20/12/2024